

HERANÇA E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO AMAPAENSE «MELHOR QUE O MEL SÓ O CÉU»

Inheritance and resistance in the quilombo
amapaense «Better than honey, only
Heaven»

Ênio José da Costa Brito¹

*Sem renunciar seus valores vitais, povos africanos e
seus herdeiros mantem forma de rememoração diante
de perdas físicas e culturais sofridas, marcando territórios
e articulando imprevisíveis redes de comunicação entre si.
(Antonacci, p. 234).*

*No quilombo, o pesquisador desce às entranhas da terra
Mater e visita um dos úteros sagrados que forjou a alma brasileira.
(Gomes, p. 197).*

Resumo:

O artigo recolhe as anotações feitas por ocasião da arguição da Tese de Doutorado intitulada «*Melhor que o Mel só o Céu*»: *Trauma intergeracional, Complexo*

¹ Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, Coordenador do Grupo de Pesquisa *Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)* e vice-coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUCSP)

Cultural e Resiliência na Diáspora Africana (Um estudo de Caso do Quilombo do Mel da Pedreira, em Macapá, AP) enriquecida com dados de uma longa conversa com Antonio Maspoli de Araujo Gomes, autor da pesquisa. Num primeiro momento, realça algumas opções do autor, em seguida percorre a estrutura da dissertação tecendo comentários e finaliza sinalizando a importância do estudo feito e os desafios que levanta para Academia.

Palavras-chave: Complexo cultural, Trauma intergeracional, Quilombolas, Resiliência, Escravidão.

Abstract

This article compiles the notes taken during the development of the thesis «*Better than Honey, Only Heaven*»: *Intergenerational Trauma, Cultural complex and Resilience in an Africa Diaspora* (a case-study about the Mel da Pedreira's, or Quarry's Honey, Quilombola community in Macapá, Amapá, northern state of Brazil) enriched with data from a long conversation with Antonio Maspoli de Araujo Gomes, author of the research. At first, it highlights some options of the author, and then goes through the dissertation's structure, making comments and concludes pointing out the importance of the study and the challenges it brings to the Academy.

Keywords: Cultural complex, Intergenerational Trauma, Quilombolas, Resistance, Slavery.

Nos últimos anos nossa compreensão das comunidades negras do Brasil e suas relações com a tradição cultural afro-americana têm ampliado, graças as pesquisas sobre a experiência histórica, social, cultural e religiosa das mesmas. No entanto, ainda, há muito o que se estudar, pois no Brasil estas comunidades, são pensadas como coisas do passado, esquecendo que são comunidades vivas e atuantes.

A tese de doutorado de Antonio Maspoli de Araújo Gomes, intitulada «*Melhor que o Mel, só o Céu*»: *Trauma Intergeneracional, Complexo cultural e Resiliência na Diáspora Africana*, apresenta-nos a comunidade quilombola de Mel da Pedreira, em Macapá, vem juntar-se a estes estudos².

Maspoli analisa a produção cultural de 42 sujeitos quilombolas, homens e mulheres, tendo presente o conceito de trauma intergeracional, um constructo válido para se compreender o impacto de guerras, atos terroristas e ou calamidades públicas sobre determinadas populações como ocorreu com os descendentes de escravizados.

Para elaboração desta *Nota Bibliográfica* utilizamos as anotações feitas por ocasião de nossa participação tanto da Qualificação quanto da Defesa da tese e de conversas com o autor.

² Tese defendida no Programa de Psicologia Clínica de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 10 de março. Participaram da Banca os professores doutores, Denise Gimenez Ramos (orientadora); João Clemente Souza Neto, Liliana Wahba, Regina Célia Faria Amaro Giora e Ênio José da Costa Brito.

1. Primeira aproximação

Muito positivo, por parte do autor, ter dado a conhecer o trabalho de *psicólogas(os)* voltados para a compreensão da dinâmica de comunidades traumatizadas por experiências históricas e ainda, ter dado a conhecer a história psicossocial do Quilombo *Mel da Pedreira*, pelo ângulo dos subalternos. Opção, que leva o autor a perscrutar/ examinar as ações de resistência e resiliência deste grupo étnico, identificado e formado por remanescentes de quilombos.

Já na *Introdução*, chama atenção para o pouco interesse *pela história dos oprimidos no país* (p.17)⁵ e para a invisibilidade dessas populações na história oficial. Pouco interesse confirmado pela fala que recolheu de um quilombola *nós somos invisíveis para o branco, doutor* (p.17).

Importante, ter escolhido uma comunidade quilombola para ser estudada, pois a pergunta que Gomes ouviu nos últimos 4 anos no mundo acadêmico, mostra o quão distante a Academia está desta realidade. *Ainda existem quilombos?* Segundo a Fundação Palmares, no Brasil, em 2014, existiam 2431 (p.91), hoje já são 2.275 comunidades quilombolas.

Gradualmente, a Academia se abre para o mundo quilombola. No Programa de Ciência da Religião da PUCSP, José Antonio Boareto analisou a construção cultural da religião no Quilombo de Brotas, em Itatiba, São Paulo, que na atualidade vive fortes tensões no campo religioso. Boareto constatou que *através de encontros, assembleias, congressos, os quilombolas se reúnem para juntos vivenciar um momento e estarem reforçando os laços entre si e fortalecendo a luta quilombola* (2017, p.22)

Gomes, para compreender a dinâmica da comunidade quilombola Mel da Pedreira, alargou o conceito de cultura às suas práticas cotidianas.

O leitor tem em mãos uma tese escrita, que foi para ser lida não apenas pelo especialista, mas também pelo leigo, curioso por questões psicológicas e da diáspora. Tese erudita/interdisciplinar e didática.

2. Segunda aproximação

Nesta segunda aproximação, pretendo percorrer brevemente a estrutura da tese, dando conta da minha recepção do texto, tecendo observações e levantando pontos para uma reflexão por parte do leitor.

A Introdução (Capítulo 1) tem um perfil sintético e objetivo, visando preparar o leitor para receber o texto. O capítulo 2, intitulado *Trauma Intergeracional nas diferentes abordagens*, depois de uma breve e consistente problematização dá início à apresentação da base teórica, que dará lastro aos dados empíricos colhi-

⁵ Passamos a indicar apenas a página da tese.

dos na pesquisa de campo: a teoria do trauma intergeracional e do complexo cultural, sua presença no sujeito e na cultura e seus modelos de transmissão.⁴

Neste percurso, o autor mostra-nos o deslocamento ocorrido no campo da pesquisa: do trauma familiar para o trauma intergeracional e alerta para os riscos e as dificuldades inerentes às pesquisas relacionadas com a questão do trauma intergeracional. O capítulo dá conta do que foi prometido na *Introdução, demonstra a capacidade quilombola de adaptação, resistência e resiliência frente à extrema adversidade imposta pelo trauma intergeracional e pelo complexo cultural, geradores de empobrecimento e da exclusão social* (p. 20).

Dois tópicos se destacam, a saber, as questões da gênese, da origem, sempre problemática, desafiadora e da passagem da vida traumática do grupo para o indivíduo.

Na origem encontra-se o trauma histórico transmitido através da cultura de forma implícita ou explícita. O trauma intergeracional encontra-se na base do complexo cultural, que pode ser a representação psicológica do trauma.

Na gênese do complexo, pode-se encontrar um trauma vivido na realidade ou mesmo na fantasia. Na origem do complexo cultural, encontra-se um trauma histórico, coletivo e vivenciado pelo grupo e transmitido através da cultura, de forma implícita e explícita para os seus membros (p. 36).

Com relação à segunda questão pode-se perguntar: como se dá à migração a passagem da vida traumática do grupo para o indivíduo. Que mecanismos possibilitam esta passagem?

O trauma pode ser transmitido por intermédio das memórias coletivas. O que importa neste caso, não é só conteúdo da história/estória contada, sim o afeto correspondente transmitido pela narrativa. O conteúdo afetivo é o núcleo e a força da narrativa na experiência traumática. O afeto impregna e apreende o sujeito que ouve a experiência traumática (p. 37).

Na base de um complexo, encontra-se um trauma, um choque emocional ou um conflito moral, que acabou proporcionando uma cisão na psique deslocando o trauma da consciência para o inconsciente, gerando assim um complexo.⁵

⁴ Sobre a teoria do trauma, ver: AMEZANAGA, P.; BARCELLOS, G.; CAPRILES, A.; GERSON, J.; RAMOS, D., 2012; SINGER, T.; KIMBLES, S. L. 2004.

⁵ Os complexos nos relembra Gomes, por natureza, autônomos, *A hipótese pela qual os complexos são psiques parcelares cindidas, tornou-se uma certeza. A sua origem, a sua etiologia é muitas vezes um choque emocional, um traumatismo ou qualquer outro incidente análogo, tendo por resultado a separação de um compartimento da psique* (JUNG, 1975, p. 228, p. 55).

Complexo cultural na Psicologia Analítica é o título do capítulo terceiro, nele Gomes tece as relações entre o conceito de complexo cultural e a teoria dos complexos em Carl Gustav Jung e do inconsciente cultural de Joseph Anderson. Deixando claro, que a teoria dos complexos é o ponto de Arquimedes para levantar /erguer a teoria do complexo cultural.

Na rede tecida, foca alguns nós ou constructos teóricos como: *o kairós*, o tempo da mente, o sonho, o autoconceito, a autoestima e o processo de resistência (p. 56).⁶

Além dos traumas históricos transmitidos de forma geracional, Gomes acrescentou o trauma social. Ampliação significativa.

Os traumas históricos que se encontram na base dos complexos, no sujeito e na cultura, são transmitidos de forma intergeracional pela experiência comum das vivências de sofrimento compartilhadas pelas histórias do grupo e pelo não dito. A esses traumas, podemos acrescentar ainda aqueles causados pela *humilhação constante, exclusão social e econômica* a que são submetidos os grupos marginalizados pelas classes dominantes. (Grifo nosso) (p. 55).

Assim na base do complexo cultural de quilombolas pode-se encontrar o trauma histórico intergeracional da escravidão. *O trauma transgeracional e o complexo cultural podem ser personificados e presentificados nos sonhos, narrativas, memórias, etc. e dessa forma, afetar o autoconceito e a autoestima de quilombolas* (p. 55-56).

No capítulo quarto, *O sonho na linguagem traumática - o sonho xamânico - o Kairós e o tempo presente*, me chamou atenção as justificativas que apresentou para justificar a sua elaboração. O campo levantou desafios que poderiam ser assim formulados: primeiro como lidar com a subjetividade quilombola? Já que a subjetividade expressa nas narrativas de um descendente carrega as dores do ser e do viver no *entre lugar (in-beetwen)* por experiências marcadas pelo tráfico negreiro, a escravidão, sua desumanização e resistência ontológica.

Segundo, como compreender a presentificação do trauma nas suas narrativas? Como os traumas estão ubicados / alojados no inconsciente, um bom caminho para chegar a eles é pela análise dos sonhos, para desvendar tanto os complexos, quanto o que o inconsciente tem a dizer a respeito dos complexos.

Jung chegava a dizer - e aí caberia um bom debate - que o inconsciente também ensina, já que na sua concepção a consciência é filha do inconsciente. Na visão de Jung, o inconsciente é uma matriz antiquíssima da qual emerge, no lento curso do tempo medido em milênios, um produto revolucionariamente novo chamado consciência.

⁶ Muito rica e ilustrativa a revisão bibliográfica apresentada, reveladora da potencialidade analítica da teoria dos complexos culturais.

E segundo essa mesma concepção, além de pessoal, o inconsciente também se configura num substrato coletivo, anterior e subjacente as diferenças culturais. Quer dizer, essa camada primordial da psique contém estruturas, formas e predisposições que atravessaram as épocas e as culturas (GAMBINI, 2000, p. 108).

Uma das afirmações que chama atenção refere-se ao sonho, quando o sujeito no sonho revive a experiência traumática, ocorre uma retraumatização.

O trauma pode assumir personificações nos sonhos. Nesse caso, tais sonhos são carregados de emoções semelhantes àquelas vivenciadas pelo sujeito, na experiência traumática, intensas e ameaçadoras. Se, por um lado, o sonho possibilita uma catarse para as emoções, as sensações e os sentimentos da experiência traumática reprimidos no inconsciente, há de se considerar também que, em alguns desses sonhos, o sujeito revive a experiência traumática (p.60).

O autoconceito, a autoestima, e a resiliência comunitária é o título do quinto capítulo, nele o autor desata o último nó de sua malha teórica; a resiliência comunitária. Nos diz, ainda, da sua importância pois, com relação à resiliência há poucas pesquisas empíricas (p.74). Na Psicologia, a resiliência pode ser compreendida como o impulso para continuar vivendo depois de um trauma.

Os estudos e as pesquisas sobre a resiliência, focalizados geralmente no sujeito, pouco a pouco, deslocam seu eixo para a resiliência comunitária. Comunidades resilientes são aquelas que possibilitam a sobrevivência dos seus membros, em meio às dificuldades, e estabelecem trajetórias de desenvolvimento sustentável (p. 74).

O Quilombo é uma comunidade, um espaço privilegiado de interação do indivíduo com o outro, num determinado espaço geográfico por um longo período de tempo.

Não se pode esquecer, que a resiliência tanto pode ser inata, quanto adquirida. *A resiliência é a arte de aplicar a vitalidade para enfrentar a adversidade em qualquer momento da fase do ciclo de desenvolvimento da pessoa* (p. 74). Para o leitor fica uma questão: Como a pessoa pode desenvolver a resiliência inata ou como pode adquiri-la e potencializá-la?

Os capítulos sexto, *A Diáspora africana na África, em Portugal e no Brasil*, e sétimo, *Quilombos e quilombolas no Brasil e no Amapá* formam um conjunto.

Eles nos introduzem nas palavras de Marcus Rediker no *mais grandioso drama dos últimos mil anos da história da humanidade: a transferência de 10 milhões de seres humanos do seu continente natal para o recém-descoberto - eldorado do Ocidente* (Rediker, p. 12).

Os dois capítulos trazem informações preciosas, a elas pode-se agregar mais algumas, por exemplo, com relação a escravidão em Portugal. Desde as suas origens,

Portugal conhecia o regime de escravidão, não apenas devido à norma de transformar os mouros vencidos na guerra em cativos ou servos, mas através de relações de comércio ou pirataria na região do Mediterrâneo na fronteira norte da África.

Com relação à escravidão na África, antes da presença dos brancos: os estudiosos a caracterizam como *escravidão doméstica*, com a chegada dos brancos foi transformada em *mercantil*. Momento, no qual o tráfico terrestre é substituído pelo tráfico marítimo. Da chamada África Saariana (branca e islâmica) passa-se à África Equatorial (negra e pagã). Portugal esteve à frente desse processo

A própria afirmação sobre a Lei Áurea pode ser ampliada (p. 85). Os abolicionistas pagaram um preço alto para aprovar a sua demanda central a abolição, que foi feita sem indenização e desacompanhada de qualquer reforma. A luta abolicionista por estruturas mais democráticas foi derrotada, venceu a *República dos Cafeicultores*. Impressiona e muito o fato da Lei ter apenas duas linhas/ dois artigos, quando todas as outras leis referentes aos cativos têm vários artigos. Relembrando:

Artigo I- É declarado extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.
Artigo II- Revogam-se disposições em contrário

Com relação ao Quilombo, o autor afirma que é formado basicamente por escravos fugitivos e rebelados (p. 92). Na região Norte, temos a presença de índios. Em muitos quilombos os índios se faziam presentes, escavações arqueológicas têm encontrado peças que confirmam. Por exemplo, as escavações feitas em Palmares. Importante ter visto os quilombos como um processo constante, amplo e relevante no interior da dinâmica social (p. 98).

Um dos tópicos marcantes do capítulo sexto é o link estabelecido entre a resistência ocorrida a bordo do Navio Negreiro e a formação dos quilombos: *essa cultura de resistência era fundamental para a sobrevivência dos africanos no país de destino e encontra-se na base da origem dos quilombos nessas terras* (p. 89). A resistência no navio negreiro se manifestava nos cânticos e nas danças (p. 89).

No último capítulo intitulado *O Método*,⁷ Gomes deixa claro que o trauma intergeracional decorrente das memórias de escravidão: se faz presente nas narrativas e na produção cultural de quilombolas (p. 167); que o seu núcleo é o medo (p. 160) e medo em contínua transformação, mas sempre medo (p. 166).

O autor aponta, ainda, as causas do trauma e sua forma de transmissão e, que o complexo cultural não afeta de forma significativa o autoconceito do quilombola (p. 179). Constata, também, a presença do complexo cultural de inferioridade em afrodescendentes (p.184), apontando seus sintomas a paralisção e a miséria. Finaliza constatando que: o que define a vida do quilombo é o conceito de resistência/resiliência.

⁷ Os sete primeiros capítulos apresentados são relativamente curtos, denotando um equilíbrio entre eles. O longo capítulo oitavo pode ser dividido, dando mais equilíbrio à estrutura da tese.

Pelo volume de informações e densidade das temáticas apresentadas o capítulo impressiona o leitor, além disso, Gomes o pega pela mão e o insere na vida simples, rica e complexa do quilombo, convidando a acompanhá-lo na sua jornada.

Pesquisador tem de ter um pouco de sorte, senão sofre muito quando vai a campo e Gomes teve de sobra. O campo foi muito generoso, lembrando: a colhida da comunidade quilombola; a história do Forte de Mazargão; a dança de Marabaixo,⁸ o encontro dos tambores e a importante colaboração de Zé Miguel (p. 197),

Gostei muito da apropriação que fez dos textos de Marcus Rediker, *Navio Negroiro*, de Franz Fanon, *Pele Negra e máscara branca* e dos textos de Denise Ramos, pioneira na discussão sobre o trauma geracional no Brasil.

Certamente, o futuro leitor apreciara e muito os quadros sinóticos das músicas do Marabaixo, das sínteses narrativas: Memórias da escravidão apresentadas na tese, num total de 17; como também as belas fotos da *Memória Fotográfica*. Senti falta de duas fatos: a das ruínas de Mazagão⁹ e da dança de Marabaixo.

Frente à surpresa do autor diante do *nós*, presente nas narrativas dos quilombolas, vale lembrar que: a concepção de um corpo comunitário é uma marca da cosmovisão africana. Um belo provérbio bambara e peul apresentado por Hampâtê Bá ilumina esta visão e pode, em sentido remoto, remeter a situações que africanos e afrodescendentes subjetivamente vivenciaram. Diz o provérbio: *As pessoas da pessoa são inúmeras na pessoa*. O provérbio realça um modo do africano e afrodescendente de viver e estar no mundo materialmente e espiritualmente em universo comunitário.

Três tópicos chamam atenção do leitor: primeiro o fato instigante da presença do branco no mito de origem do Quilombo. *Em todas as narrativas sobre o mito da origem do quilombo, aparece a figura de um branco, seja homem, seja mulher. A ênfase da narrativa recai sempre sobre a figura do branco muito mais do que sobre o heroísmo do escravo fugitivo* (p. 164).

Gomes contrapõe a esta constatação uma forte passagem de Franz Fanon:

Pois afinal de contas é preciso embranquecer a raça, todas as martinicas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça,, salvar a raça, não no sentido que poderíamos supor; não para preservar a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram, mas para assegurar a sua brancura (FANON *apud* GOMES, 2017, p. 164).

⁸ Para uma análise ampla da dança Marabaixo, ver VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente*: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: UFC, 2009.

⁹ A história de Mazagão é muito instigante, consultar ALMEIDA, G. P. *Mazagão Velho*. Diásporas negras, performances e oralidades no Baixo Amazonas Curitiba: Afiliada, 2011.

O segundo relaciona-se com o autoconceito dos quilombolas, nas palavras do autor:

Podemos afirmar que o quilombola constrói a sua autoimagem e identidade a partir da narrativa da saga do escravo fugitivo, aquele que resistiu à escravidão.... Os moradores do Quilombo do Mel da Pedreira, quando falam das suas origens de descendentes de escravos, fazem-no com certo orgulho. Manifestam o orgulho de serem descendentes de escravos que resistiram à escravidão e também o orgulho de terem construído a Fortaleza de São José de Macapá, que deu origem a cidade de Macapá (GOMES, 2017, pp. 174-175).

O terceiro tópico aponta para um tema que desafia teólogos e cientistas da religião, o da espiritualidade quilombola, *espiritualidade contagiante que produz uma atitude positiva diante da vida. É uma espiritualidade estruturada na base da solidariedade e justiça* (GOMES, 2017, p. 209).

3. Conclusão

«*Melhor que o mel só o Céu*», escrita com competência, paixão / pathos e preocupação pedagógica, pode ser emoldurada por quatro palavras: corpo, memória, música e dança.

Corpo, corpo negro fulcro de saberes, poderes, prazeres, locus de sensações, traumas, complexos, intuições, subjetividades, morada dos deuses, suporte material e espiritual da vida, armazenando memórias.

Memória, memória do corpo, os africanos e os afrodescendentes produziram linguagens traumatizantes, geradoras de complexos culturais e linguagens de *reumanização*, através da música e da dança e outras práticas culturais.

Música, a música entre os povos africanos está *integralmente relacionada com sua visão de mundo, constituindo-se um símbolo de sobrevivência permeando todos os aspectos da vida* (Antonacci, 2016, p. 223).

Dança, convite a pensar no inconsciente do corpo, sem perder de vista que é também sobretudo através do inconsciente que o corpo age sobre a consciência (Gil, 1997, p. 173).

Entre os muitos méritos da tese de Gomes pode-se apontar o fato de ter mostrado com clareza e serenidade: um dos muitos méritos da tese de Gomes é o de mostrar com clareza e serenidade: quão pouco sabemos de culturas negras e afro-brasileiras; quão distantes estamos de seus refinados recursos e engenhosas dinâmicas lógicas; principalmente, quão pouco sabemos de seus traumas, complexos e lutas para sobreviver e quão pouco valor atribuímos à diversidade de nosso patrimônio cultural.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, G. P. *Mazagão Velho*. Diásporas negras, performances e oralidades no Baixo Amazonas. Curitiba: Afiada, 2011.
- AMEZANAGA, P.; BARCELLOS, G.; CAPRILES, A.; GERSON, J.; RAMOS, D. *Listening in Latin American*. Exploring cultural complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay and Venezuela. New Orleans: Spring Journal Books, 2012.
- ANTONACCI, M. A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2016.
- BOARETO, J. A. *Os Orixás e o Senhor Jesus na Casa da Mãe de Santo*. Análise da construção cultural da Religião no quilombo Brotas em Itatiba-SP. Tese de Doutorado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EFUFBA, 2008.
- GAMBINI, R.. *Sonho na Escola*. In: SCOZ, Beatriz (org.). *(Por) uma educação com Alma*. A objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GIL J. *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- JUNG, C.G. *O homem, a descoberta da sua alma*. Estrutura e funcionamento do inconsciente. Porto: Tavares Martins, 1975.
- GOMES, A. M. de A. *Melhor que o Mel, só o Céu: Trauma Intergeracional, Complexo Cultural e Resiliência na Diáspora Africana*. Um estudo de Caso do Quilombo do Mel da Pedreira, em Macapá, AP. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.
- RAMOS, D. G. The influence of ancestrally and skin color in self esteem and identity; a comparative study between gradidiate studens from São Paulo and Salvador (Texto inédito), 2009.
- REDIKER, M. *O Navio Negreiro: Uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SINGER, T.; KIMBLES, S. L. *THE Cultural Complex Contemporary Jungian Perspectives on Psyche and Society*. Hove: New York; Brunner-Routledge, Taylor, Francis Group, 2004.
- VIDEIRA, P. L. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapense*. Fortaleza: UFC, 2009.